

combate. Todos queriam reformas. A imprensa teria de acolher a inquietação generalizada, discutir as reformas, influir em seu andamento. Não era suficiente o luxo das gravuras, a apresentação gráfica aprimorada, a adoção de técnicas mais avançadas. O país vivia uma fase de mudança; uma dessas fases em que o conteúdo se adianta à forma, até que o conteúdo novo acabe por exigir a mudança na forma e o aprimoramento exterior se equilibre com a expressão nova que se impõe.

As reformas

A agitação, que revelava o aprofundamento das contradições da sociedade brasileira, despertou o interesse pelas reformas, que começaram a ser propostas e discutidas, cada vez com mais veemência, pontilhadas pelas questões que iam surgindo, conduzidas ou resolvidas em clima de crescente turbulência: a questão servil, com as lutas em torno de algumas reformas de que dependia o seu andamento, a da liberdade do ventre, a da liberdade dos sexagenários, a Abolição finalmente; a questão religiosa, a questão eleitoral, a questão federativa, a questão militar, a questão do próprio regime, como coroamento do processo de mudança institucional. Questões e reformas refletiam-se na imprensa, naturalmente, e esta ampliava a sua influência, ganhava nova fisionomia, progredia tecnicamente, generalizava seus efeitos — espelhava o quadro que o país apresentava. É a abertura, realmente, da segunda fase destacada e fecunda da história da imprensa brasileira, — a primeira fora a da Regência. Nessa primeira fase já distante é que a segunda vai buscar as suas melhores tradições, superando, a pouco e pouco, a estagnação imperial. Em 1870, ano em que aparece o *Manifesto Republicano*, Tavares Bastos publica, em julho, o seu libelo contra a centralização: *A Província* mereceu louvores do *Jornal do Comércio*, sempre cauteloso, do *Diário do Rio de Janeiro* e de órgãos editados fora da Corte; em Recife, *O Americano*, dirigido por Tobias Barreto e Minervino de Sousa Leão, encareceu os méritos do livro. Tavares Bastos não assistiu o avanço da idéia federativa, faleceu em 1875, com expressivos necrológios na imprensa, com *A Reforma* e *O Globo* à frente, na louvação do ensaísta alagoano.

As grandes lutas políticas apenas se anunciavam; os jornais viviam ainda muito ligados à literatura: em 1870, Araripe Júnior criticava severamente, no *Dezesseis de Julho*, as *Falenas* e os *Contos Fluminenses*, de Machado de Assis; em 1873, aparece nova revista literária, o *Arquivo Contemporâneo*; em 1875, Joaquim Nabuco faria sérias restrições à obra de José